

**ESCRITA DO EU E INSCRIÇÃO NARCÍSICA EM *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*, DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

[WRITING OF THE SELF AND NARCISSISTIC INSCRIPTION IN *CHILD OF THE DARK: THE DIARY OF CAROLINA MARIA DE JESUS*]

Jacqueline Oliveira Leão  
[jacleao@gmail.com](mailto:jacleao@gmail.com)

*Doutora em Literatura Comparada (UFMG). Pós-Doutorado em Estudos Literários (UFMG). Especialista em Teoria Psicanalítica (UFMG).*

DOI: [10.25244/tf.v13i1.2407](https://doi.org/10.25244/tf.v13i1.2407)

Recebido em: 01 de julho de 2020. Aprovado em: 01/08/2020

Caicó, ano 13, n. 1, 2020, p. 259-273  
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v13i1.2407](https://doi.org/10.25244/tf.v13i1.2407)  
Dossiê Filosofia e Mística – Fluxo Contínuo



Escrita do Eu e inscrição narcísica em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*,  
de Carolina Maria de Jesus  
LEÃO, Jacqueline Oliveira

**Resumo:** Este estudo, “Escrita do Eu e inscrição narcísica em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*”, propõe-se a travar um diálogo entre Literatura e Psicanálise, por meio da obra ficcional, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. O recorte a ser dado à análise centra-se, sobretudo, nas questões teórico-literárias que se acercam da escrita do eu, especificamente, dos escritos nomeados por diário e autobiografia, e o desdobramento da leitura de tais produções na perspectiva psicanalítica, mais precisamente sobre a esteira teórica de Sigmund Freud. Carolina Maria de Jesus recorre ao processo de escrita, aos registros de sua vida sofrida na favela como forma de organizar o próprio pulsional, ou seja, o processo de escrever o diário em si, de relatar a si mesma constitui-se na própria estruturação narcísica da autora: a fantasia de ser reconhecida, a fantasia de ser lida pelo outro e por ela mesma.

**Palavras-chave:** Literatura. Psicanálise. Carolina Maria de Jesus. Relatar a si mesmo. Narcisismo. Fantasia.

**Abstract:** This study “Writing of the Self and narcissistic inscription in *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus*” proposes to wage a dialogue between Literature and Psychoanalysis through the fictional work *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus* by Carolina Maria de Jesus. The clipping to be given to the analysis focuses mainly on the theoretical-literary issues that come close to the writing of the Self, specifically from the writing named diary and autobiography, and the unfolding of the reading of such productions in the psychoanalytic perspective, more precisely on the theoretical track of Sigmund Freud. Carolina Maria de Jesus uses the writing process, the records of her life suffered in the slum as a way of organizing, that is, the process of writing the diary itself of Carolina reporting to herself: the fantasy of being recognised, the fantasy of being read by the other and by herself.

**Keywords:** Literature. Psychoanalysis. Carolina Maria de Jesus. Reporting to yourself. Narcissism. Fantasy.

## 1. INTRODUÇÃO

### O Bicho

Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio  
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,  
Não examinava nem cheirava:  
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,  
Não era um gato,  
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

**Manuel Bandeira**

Obviamente, toda escolha é subjetiva, perpassa pelo afeto do sujeito a dado objeto e, obviamente, não foi – por acaso – que se escolheu, como epígrafe o poema, *O Bicho*, de Manuel Bandeira. Nesse poema, o autor põe o leitor dentro de uma reflexão especular, ou seja, as cenas tramadas, no espaço da representação poética, são feitos do testemunho do olhar alheio – “Vi ontem um bicho” –, do olhar que captou o outro, dando-lhe uma descrição final, surpreendente e, ao mesmo tempo, apavorante: “O bicho, meu Deus, era um homem”.

Então, fisdado pelo olho que vê e a tudo testemunha, o eu-lírico bandeiriano reposiciona o sujeito social, sai da posição simples daquele que só observa, para, conseqüentemente, falar do dado observado: falar da fome em uma perspectiva sócio-política; falar da miséria por detrás de situações, que se querem, mas não são fortuitas; falar do outro transfigurado em bicho, em bicho homem; falar da miserável condição humana: “Quando achava alguma coisa/Não examinava nem cheirava/Engolia com voracidade”, falar daquele que, catando comida entre os detritos, sacia a sua fome; sacia-a comendo, de forma voraz, os restos que se encontravam, no poema, espalhados, “na imundície do pátio”. Contudo, infelizmente, esse quadro ainda representa o social brasileiro há quase setenta anos após o que poetizou Manuel Bandeira, em 1947, sob a égide da estética modernista, na esteira do período pós-guerra. O poema, *O Bicho*, é atemporal. Aliás, pensando-se bem, no verso, “Na imundície do pátio”, o vocábulo pátio chega a extrapolar a dimensão semântica dada pelo autor. “Pátio” pode desenhar, representar e simbolizar, metonimicamente, o espaço urbano, o espaço citadino com suas ruas bifurcadas e recortadas pelos aglomerados de vilas e favelas, com seus guetos e submundos – esquecidos – à margem da própria cidade –, com os seus lixões à deriva no tempo e no contorno das construções urbanas. Todas essas referências se traduzem nos “quartos de despejo” das cidades. Logo, não se deu mesmo por acaso a escolha do poema, *O Bicho*. Reportar-se a Manuel Bandeira é recorrer a uma estética do passado capaz de

fomentar questões atualizadas sobre os contrastes sociais brasileiros e, sobretudo, movimentar representações cênicas do diário ficcional de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Se comumente a expressão “quarto de despejo” refere-se ao cômodo isolado da residência, onde se depositam os pertences de menor valor, as coisas que podem ser misturadas as outras coisas alocadas no mesmo espaço, as coisas esquecidas e lembradas em ocasião útil específica, o lugar menos acolhedor, menos valorizado da casa; na dimensão social, a expressão, metaforicamente, despeja todo o seu sentido sobre os despejados das cenas urbanas, sobre aqueles que têm pertencimento na própria cidade, mas são, paradoxalmente, esquecidos por ela, ou se lembrados, são em momentos bem convenientes, nas datas em que se faz política, como atestam as palavras de Carolina Maria de Jesus: “Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitoraes”. (JESUS, 1995, p. 28).

Assim, como o olhar que testemunha a fome nos versos de Manuel Bandeira, o diário de Carolina Maria de Jesus também é um testemunho da rotina dos favelados, das pessoas coisificadas, animalizadas pela degradante miséria social. Vale dizer que, embora capture uma São Paulo dos anos 50, a escrita da diarista também propicia uma leitura atualizada das diferenças sociais no Brasil, um olhar contemporâneo que testemunha, ainda, muitas situações, em nada diferentes, do que ela registrou naquele longínquo tempo: “a favela é uma cidade esquisita” (JESUS, 1995, p. 81) e “o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo”. (JESUS, 1995, p. 33). Nesse sentido, a problemática social ganha dimensão extremamente relevante em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, aliás, é a vida na favela que a constitui. No escopo, aqui, dimensionado, esse diário será abordado enquanto construção literária, obra ficcional que propicia à Psicanálise discutir questões referentes ao próprio processo de criação literária.

Logo, a este estudo cabe, por meio da obra ficcional, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, (ficção que, marcadamente, se quer como retrato do real – retrato da rotina da vida na favela), travar um diálogo entre Literatura e Psicanálise. O recorte a ser dado à análise centra-se, sobretudo, nas questões teórico-literárias que se acercam da escrita performativa do eu, especificamente, dos escritos nomeados por diário e autobiografia, e o desdobramento da leitura de tais produções na perspectiva psicanalítica. Considerar-se-á que Carolina Maria de Jesus recorre ao processo de escrita, aos registros de sua vida sofrida na favela como maneira de organizar próprio pulsional, o processo de escrever o diário em si, de relatar a si mesma constitui-se na própria estruturação narcísica da autora: a fantasia de ser reconhecida, a fantasia de ser lida pelo outro e por si mesma.

## 2. DA METÁFORA DA SUBJETIVIDADE EM FREUD: UMBIGO. COGUMELO.

Arrisco a dizer que, para a psicanálise, não há subjetividade que não seja marcada pelo outro. Não há, em nenhum lugar de nossa mente, algo que se possa chamar de essencial, de *absolutamente próprio*. Não! Ao fim da investigação do mais íntimo, encontramos sempre um emaranhado sem sentido, mas que, certamente, está ligado à alteridade.

Fábio Belo

Escrita do Eu e inscrição narcísica em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*,  
de Carolina Maria de Jesus  
LEÃO, Jacqueline Oliveira

Em *Escritores criativos e devaneios*, Sigmund Freud (1908/1996) afirma que, na infância, já se encontram os primeiros traços de atividade imaginativa, e à natureza, à origem do processo de criação literária estão vinculadas as próprias “fantasias” do escritor criativo, e estas são essenciais na constituição da ficção. Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Carolina Maria de Jesus, embora escreva sobre seus infortúnios na favela, sua rotina de miséria, sua rotina de fome, sua rotina de angústia e desespero junto aos filhos, pauta-se em sua subjetividade para se recriar literariamente e fazer, sem dúvida, ficção. Então, qual seria a abordagem de subjetividade a que o diário se refere, se considerado o pensamento de Sigmund Freud? Para se delimitar tal questão, faz-se importante a análise do texto de Fábio Belo (2011), *O Umbigo e o Cogumelo: sobre a subjetividade em Freud*.

Já no início do texto, Fábio Belo (2011) desconstrói o conceito de subjetividade dado pelo senso comum, demonstrando o que seria uma definição de subjetividade equivocada para a Psicanálise: subjetividade atribuída à essência do ser, o que lhe é próprio ou lhe é peculiar, o que se existe dentro do sujeito e nunca fora dele; subjetividade como algo essencial que se opõe à objetividade, categorizando um mundo fechado em si mesmo, que não cabe interpretações. Como salienta o autor, se à subjetividade fossem aplicadas tais definições, uma “investigação sobre o sujeito tenderia sempre a encontrar em seu cerne aquilo que ele é realmente, sua individualidade, sua marca exclusiva” (BELO, 2011, p. 59), o que, para a Psicanálise, seria uma visão totalmente equivocada.

Nesse sentido, para buscar sentido a uma definição de subjetividade que não contradiga o que se espera da análise de um psicanalista, Fábio Belo analisa um pequeno fragmento (aqui, no caso, retirado da ESB, V, p. 554) de *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud (1900/1996), a saber:

Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é frequente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, **o ponto onde ele mergulha no desconhecido**<sup>1</sup>. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio. (FREUD, 1900/1996, p. 554, **grifo nosso**).

Como destaca Fábio Belo, para melhor entendimento da passagem supracitada, é necessário recuperar a leitura de *A interpretação dos sonhos*, de Sigmund Freud, que define o sonho como realização de um desejo inconsciente. Contudo, se o sonho tem uma materialidade que lhe é própria, apresentando-se ao sonhador como desejo inconsciente, interpretar um sonho é descobrir o seu “conteúdo latente”, ou seja, descobrir o desejo que o originou, descobrir a intimidade que é parte do próprio sujeito que sonha. Nesse sentido, para Fábio Belo, a metáfora do umbigo está intimamente ligada à ideia de subjetividade, pois o “umbigo é uma cicatriz” (BELO, 2011, p. 62),

<sup>1</sup> Veja-se que, para Fábio Belo, a tradução em Português da ESB, V, p. 554, “o ponto onde ele **mergulha** no desconhecido”, é contrária à ideia de Freud. O sonho não **mergulha** no desconhecido, mas, sim, “ele se **assenta**”, “ele **monta** sobre ele”, já que o movimento é centrífugo em Freud; e, na tradução, é centrípeto. (BELO, 2011, p.60).

que marca a origem do sujeito, demarcando, dialeticamente, a presença do outro inscrito no próprio sujeito. Isso vale dizer que a subjetividade é marcada pelo outro, que não há a essência do sujeito, não se pode afirmar uma existência isenta da figura da alteridade, não há no sujeito algo que seja estritamente seu, próprio dele mesmo.

Por outro lado, à metáfora do cogumelo utilizada por Sigmund Freud cabe lançar luz, conforme afirma Fábio Belo, ao que não se pode entender em psicanálise quando também se refere à subjetividade. Logo, se o micélio, no campo da Biologia, é a rede rizomática que se organiza para se formar o cogumelo, isso não aplica à Psicanálise ao se considerar, metaforicamente, à questão da subjetividade, ou seja, o sujeito não nasce de si mesmo, o sujeito não está isento da influência e da manifestação do outro, pois a origem do sujeito não pertence a ele, porque há sempre a marca do outro. Aliás, pensar na ideia de sujeito original e autêntico é algo que contradiz o pensamento psicanalítico e o processo de análise, pois esta é um discurso que se quer desnovelado, desenrolado do inconsciente do sujeito, sujeito recortado pelo outro.

Logo, o conceito de subjetividade, no diário de Carolina, pode ser compreendido na relação do sujeito com a alteridade, na marca do outro sobre o próprio sujeito, na marca da escrita de Carolina para ela mesma e dela mesma, para um outro. Uma definição instituída não a partir da essência, mas, sim, a partir do lugar estrangeiro do sujeito, íntimo dele mesmo, lugar que é determinado e construído pela presença do outro, pois a subjetividade “nunca é isenta deste umbigo, desta cicatriz, que se espalha, como cogumelo na relva sombreada, por tudo o que desejamos e por tudo o que chamamos ‘eu’”. (BELO, 2011, p. 67).

### 3. DO RELATAR A SI MESMO: A “TRANSPARÊNCIA PARCIAL” DO EU DO DIÁRIO DE CAROLINA

As histórias não captam o corpo a que se referem. Mesmo a história deste corpo não é totalmente narrável. De certa forma, ser um corpo é o mesmo que ser privado de uma recordação completa da própria vida. Meu corpo tem uma história da qual não posso ter recordações.

**Judith Butler**

A incompletude de construção do eu ante o relato de si mesmo, a incapacidade de relatar o eu mediante a história que o próprio corpo carrega em si, a incompletude de recordar a história do corpo a que se propõe dar um relato de si mesmo constituem alguns apontamentos teóricos de Judith Butler, em *Relatar a si mesmo*. E, de outro modo, a leitura de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, demonstra que o relato feito por Carolina Maria de Jesus também adquire uma transparência, apenas, e, sobretudo, parcial de si mesma.

Relatar a si mesmo, para Judith Butler (2015, p. 52), é um processo escritural que não recupera por completo a história do eu, nem as condições que propiciaram o seu surgimento e a sua existência. Quem relata a si mesmo somente pode traçar um esboço sobre si, pois há uma infinidade de circunstâncias que esse eu, na origem, não presenciou, circunstâncias que são anteriores ao seu surgimento enquanto sujeito cognoscitivo. Veja-se então:

Escrita do Eu e inscrição narcísica em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*,  
de Carolina Maria de Jesus  
LEÃO, Jacqueline Oliveira

Se tento dar um relato de mim mesma, e se tento me fazer reconhecível, devo começar com um relato narrativo da minha vida. Mas essa narrativa será desorientada pelo que não é meu. E, até certo ponto, terei de me fazer substituível para me fazer reconhecível. A autoridade narrativa do eu deve dar lugar à perspectiva e à temporalidade de um conjunto de normas que contesta a singularidade de minha história. (BUTLER, 2015, p. 52).

Da ficção, por exemplo, pode-se dizer que ela não exige nenhum referente para funcionar como tal, porque a própria escrita já atesta uma existência representada no universo narrado. Daí, o eu ser recontado de várias formas e versões possíveis. Todo eu criado pela escrita é um eu possível, mas não se pode dizer que nenhum deles é o único e o verdadeiro, porque todo relato do eu pode “se desintegrar e ser destruído de diversas maneiras.” (BUTLER, 2015, p. 54). Cada relato que o eu dá de si mesmo tematiza um eu diferente e com singularidade própria, e, embora haja um referente corporal a que se alude o relato do eu, a escrita não capta esse corpo por completo, pois este é uma instância que tem uma história anterior à enunciação.

Nesse sentido, é que se diz que o eu, com suas marcas irrecuperáveis e imprecisas, é privado da recordação completa de sua própria vida. Ao relatar a si mesmo, o eu se mostra parcialmente, porque o eu só pode ser contado numa temporalidade presente que precede ao próprio relatar. Então, qualquer dado relatado deve ser levado em conta no tempo da matéria relatada, esta é que “constitui o modo tardio de minha história, que carece de alguns pontos iniciais e das precondições da vida que quer narrar.” (BUTLER, 2015, p. 55).

Por outro lado, se o eu não é aquele que se apresenta no discurso, também, na análise psicanalítica, ao se fazer um relato de si para o outro, produz-se, no interlocutor, uma interpelação acerca do eu relatado. Esse relatar a si mesmo é engajar-se numa atividade reflexiva, elaborando uma relação do outro com o discurso, com a linguagem, com os aspectos muito próximos daqueles que constituem o eu, na visão do outro que o lê e o interpela. O eu irá sempre se ficcionalizar em qualquer instância enunciativa, pois, a ele, não foi dado a conhecer a origem de si, e a vida passada, a que procura relatar, é apenas uma contribuição, em perspectiva, de si mesmo para si mesmo, porque há “algo em mim e de mim que não posso dar um relato.” (BUTLER, 2015, p. 55).

Veja-se que, como nas linhas de um diário, ante o analista, o eu, também que relata, articula em sua própria lembrança a cena do passado e a cena dos eventos presentes, isso para tentar dar sentido ao que já se passou, ao que está se passando e ao que ainda está por vir. O eu reconstruído na narrativa encerra um “si mesmo” na medida em que tenta descrever-se, reconstruir-se no discurso. Relatar a si mesmo é um ato performativo, ato de construção subjetiva, de construção narcísica, pois o eu que relata a si tenta se constituir, inegavelmente, na aparência, na caricatura do que se supõe ser o si mesmo. O relatar a si mesmo é produzir um novo eu, que, paradoxalmente, não pode relatar o surgimento de si próprio. E, para ser cara a Roland Barthes (1987), a escrita apaga o sujeito, a começar, precisamente, com o corpo daquele que escreve.

Nesse sentido, há uma história sendo contada, mas o ‘eu’ que a conta, que pode aparecer nela como narrador em primeira pessoa, constitui um ponto de opacidade e interrompe a sequência, induz uma quebra de erupção do não narrável no meio da história. Desse modo, a história que conto de mim mesma, destacando o ‘eu’ que sou e inserindo-o nas sequências relevantes de uma coisa

Escrita do Eu e inscrição narcísica em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*,  
de Carolina Maria de Jesus  
LEÃO, Jacqueline Oliveira

chamada ‘minha vida’, deixa de relatar a mim mesma no momento em que aparece. (BUTLER, 2015, p. 89).

Importante frisar que o eu não pode relatar-se definitiva e adequadamente porque esse eu também não pode retornar a cena de interpelação e reconstrução de si mesmo, seja isso na instância representativa da Literatura, seja na instância do discurso psicanalítico ou, por último, seja na instância de sua própria facticidade. A única certeza possível é que esse eu, que relata a si mesmo, funda-se no próprio relato que o institui: eu de quem se fala, eu outro com quem se fala. Por outro lado, isso leva a narrativa a ser sempre uma performance, que, embora sempre ateste a incapacidade do eu de relatar a si mesmo, também certifica o processo de subjetivação do eu, quando dela emerge a estrutura narcísica que o relato de si mesmo encerra.

#### 4. ESCRITA DO EU E INSCRIÇÃO NARCÍSCA EM *QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA*

Os autores de diários, qualquer que seja sua natureza íntima ou anedótica, sempre escrevem para serem lidos, mesmo quando fingem que ele é secreto.

**Rubem Fonseca**

*Quarto de despejo*, como se nota, traz retratada a dura realidade dos favelados do Canindé, denunciando a violência, a miséria, a fome (a incessante busca de Carolina Maria de Jesus, nos lixos da cidade, pelo que comer) e a exploração sexual de mulheres e crianças daquele espaço nomeado pela diarista de “quarto de despejo”. Contudo, resguardadas as dimensões teóricas sobre a escrita do eu no campo da Teoria Literária, o diário de Carolina busca um pacto de retrato da realidade com o leitor, embora seja mais que sabido que a realidade jamais é apurada pela escrita, pode ser apenas fisgada, representada, simbolizada por sua própria representação no espaço do texto. Há que se dizer também que o diário de Carolina traz em si uma autoria compartilhada, pode até se pensar no processo de coautoria entre o Audálio Dantas, o jornalista e editor, e a própria escritora, Carolina, em outras palavras, uma parceria que o acaso (ou não) efetivou, colocando *Quarto de despejo*, na marca dos cem mil exemplares desde o momento em que foi lançado, em agosto de 1960.

Nesse sentido, é o próprio editor, repórter, na época, encarregado de produzir uma matéria, uma reportagem, sobre a favela situada às margens do Rio Tietê, no Bairro do Canindé, que se silenciou e deu voz à Carolina, a mulher que tinha o que dizer, a mulher que registrava nas páginas de vinte cadernos encardidos, escondidos em seu barraco, a triste “visão de dentro da favela”, conforme o próprio Audálio Dantas descreve no prefácio<sup>2</sup>. Além disso, Audálio Dantas dá ao leitor a pré-face (ou uma nova face) para os escritos de Carolina, afirmando que o texto original passou

<sup>2</sup> Veja-se que a 2ª edição (Editora Ática, 1995) de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* traz um breve prefácio escrito por Audálio Dantas, o responsável pela publicação da obra em 1960. Tal prefácio, intitulado por “A atualidade do mundo de Carolina”, explica, dentre outros aspectos, o processo de autoria, editoração, seleção e intervenção do próprio jornalista no conteúdo das páginas do diário de Carolina Maria de Jesus.

Escrita do Eu e inscrição narcísica em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*,  
de Carolina Maria de Jesus  
LEÃO, Jacqueline Oliveira

pelo processo de escolha, pela seleção subjetiva do próprio editor, além de correções gramaticais, senão veja-se:

A repetição da rotina na favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos [...] No tratamento que dei ao original [...] mexi também na pontuação assim como em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E foi só até a última linha. (DANTAS *apud* JESUS, 1995, p. 03).

Note-se que, no campo da Literatura, à medida que se dá o processo de escrita do diário, Audálio Dantas intervém nos campos de referência, selecionando os dados da realidade empírica. Resulta daí a criação de outro objeto de percepção, outro texto no qual se operam, também, outras estruturas de organização e inferência. Essas novas estruturas referenciais são tomadas dentro do novo sistema existente de contexto, formando um pano de fundo da realidade referente. Além do mais, as fronteiras, transpostas pelo ato de seleção de Audálio Dantas, durante o processo de leitura e editoração do diário de Carolina, faz parte de um novo campo de referência, pondo-se à frente do elemento excluído. Do processo reverso em que os elementos incluídos no texto passam a reforçar os elementos anteriormente excluídos, faz com que se crie, através do elemento selecionado, nova posição em perspectiva de leitura e avaliação por parte do leitor.

Na epígrafe, Rubem Fonseca reafirma o fingimento literário como movimento contínuo de duplicidade: quanto mais o autor se esforça para mostrar sua interioridade, paradoxalmente, mais livre se mantém para encenar, permanecendo-se incógnito e consciente no jogo de sua própria encenação. Daí, entender-se que não somente os autores de diários, mas todos os autores, mesmo fingindo sobre suas narrativas, escrevem para ser lidos, embora, às vezes, produzam, de forma inacreditável, verdades; outras tantas, mentiras. Com Rubem Fonseca, cruzam-se as palavras de Carolina Maria de Jesus:

Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos. A Silvia pediu-me para retirar o seu nome do meu livro. Ela disse: – Você é mesmo uma vagabunda. Dormia no Albergue Noturno. O seu fim era acabar na maloca. (JESUS, 1995, p. 17).

É que estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. Seu Gino insistia. Ele disse: – Bate que eu abro a porta. Mas meu coração não pede para ir no quarto dele. (JESUS, 1995, p. 25).

[...] Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse era o meu diário. (JESUS, 1995, p. 23).

Por outro lado, vale dizer que a escrita de Carolina Maria de Jesus, embora carregada de desvios linguísticos, registra a sua vida (com os recortes mínimos de seu cotidiano), dando-lhe

Escrita do Eu e inscrição narcísica em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*,  
de Carolina Maria de Jesus  
LEÃO, Jacqueline Oliveira

novas feições, o que, no campo da Literatura, permite-se afirmar que a autora entrelaça representação literária e ficcionalização do eu.

... Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é igual o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 1995, p. 28).

... As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 1995, p. 33).

Nesse sentido, aos olhos do leitor, Carolina Maria de Jesus parece perseguir um padrão estético capaz de satisfazer um estilo enfático de representação do vivido, de representação do espaço citadino, sempre resguardando a sua posição autoral. Além disso, os fragmentos que permeiam sua narrativa são breves e condensados, marcados pela concisão, rapidez e fragmentação de cenas. Veja-se, ao longo de todo diário, o uso repetido do recurso “reticências”, estas recortam as passagens textuais, dando-lhes o efeito cinematográfico de cena sobreposta à outra: “Quando eles passam muita fome eles não são exigentes no paladar./... Surgiu a noite. As estrelas são ocultas. O barraco está cheio de pernilongos” (JESUS, 1995, p. 27). Isso também é que o traz as citações recuadas acima.

Nem mesmo o simples fato de escrever um diário, gênero próximo à autobiografia, tão ingenuamente acreditado como forma exata de expor a si mesmo, expor o eu mediante os fatos vividos, as lembranças, os acontecimentos registrados no papel, tentando descobrir aquilo que se é e aquilo que já não se é mais, pode ser dado como escrita de um eu factual. O diário sugere, sim, apenas o pacto de autenticidade através dos fatos e acontecimentos registrados ali, pois é sempre um experimento de escrita. Os registros cotidianos, no sentido restrito do termo, não são mais que uma oficina de frases testadas, remendadas, ajustadas pelo escritor ante o diálogo de sua intimidade, de seu próprio fazer escritural. Nessa perspectiva, é possível citar Carolina Maria de Jesus:

**28 DE MAIO**... A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro. (JESUS, 1995, p. 147).

**1 DE JULHO** Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar par conversar. (JESUS, 1995, p. 69).

Escrita do Eu e inscrição narcísica em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*,  
de Carolina Maria de Jesus  
LEÃO, Jacqueline Oliveira

Escrever um diário é um gesto que relativiza a própria escrita. Impossível recordar de tudo ou projetar-se fielmente no texto. Ingenuamente, diz-se que, quando alguém se propõe a relatar a si mesmo, pressupõe-se a reconstrução textual da imagem do próprio sujeito e a fidelidade de reconstrução dos fatos, isto é, uma contiguidade entre o tempo presente da escritura e o passado vivido. No entanto, um truísmo é a afirmação de que as narrativas de diário se tratam de um pacto de leitura construído no texto para, de certa forma, burlar o leitor, mesmo o leitor mais crítico, que também precisa entrar no jogo para que o ficcional se construa. Nesse sentido, enquanto construção ficcional, que se dá, neste estudo, a leitura de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, texto que, insistentemente, persegue a sua inscrição de retrato do real: “... Fui na sapataria retirar os papéis. Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade.” (JESUS, 1995, p. 96).

Além do mais, quando o sujeito da escrita relata a si mesmo, rompe-se com a perspectiva do próprio sujeito enunciativo, já que o eu se torna objeto da escrita, criando a distância temporal entre o eu passado e o eu presente. Logo, Carolina Maria de Jesus, ao empreender resgatar o seu passado, através do presente da escrita de si mesmo, não contaria exatamente o que recorda. É claro que Carolina Maria de Jesus, sob a influência das condições exteriores a que não escapa, frutos de seu próprio olhar que as interpreta e as avalia, procura captar a mais íntima verdade das experiências por ela mesma relatada. Aliás, a ela, o Jornalista Audálio Dantas confiou à tarefa de registrar a “visão de dentro da favela”. (DANTAS *apud* JESUS, 1995, p. 03). Pelas escritas de Carolina:

**12 DE JUNHO** Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 1995, p. 52).

Aquele que relata a si mesmo nunca se contenta apenas com os registros de suas ideias no papel. Aliás, busca sempre retratar o seu eu por inteiro, procurando pincelar o que é e o que foi para tentar capacitar o leitor a entendê-lo e visualizá-lo através das imagens de si sugeridas. O eu que escreve sobre si recorda, diante da horizontalidade das linhas traçadas no papel, os atos e dias sem ter, contudo, a inteireza do tempo que já passou, mas encurta a distância do passado de um eu na única matéria privilegiada: a própria existência, a experiência de vida relatada no papel.

#### 4. DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

No espaço do rascunho desta pretensa conclusão, não se espera, obviamente, fechar questões acerca da análise de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Se o texto de Carolina, somente no campo da Literatura, já se abre para um vasto mundo de perspectivas teóricas, ao se propor um diálogo com a Psicanálise, então, o trabalho se complexifica ainda mais. A autora, Carolina Maria de Jesus, durante o longo processo de escrita de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, não somente tenta registrar a sua vida sofrida na favela, como também estrutura o próprio pulsional: a escrita do diário em si, desdobramento do gesto de relatar a si mesma, inscreve-se no processo de construção subjetiva, e o narcisismo da autora redimensiona a sua própria fantasia, fantasia de ser reconhecida e lida pelo outro (e por si mesma).

Em seu diário, Carolina Maria de Jesus projeta a si mesma na dimensão textual, como se, cotidianamente, pintasse o seu autorretrato. Isso dá ao leitor a possibilidade de interpretá-la e recriá-la a partir das cenas e representações por ela sugeridas (inventadas, fabricadas): mais uma vez, um retorno à subjetividade e ao narcisismo: Carolina se vê a si mesma através das linhas do diário (sejam os manuscritos rascunhados até o texto já finalizado e publicado) e se deixa ser vista pelo olhar do outro, do leitor, da alteridade (e dela mesma enquanto leitora de si mesma).

Desse olhar enviesado por leituras múltiplas, o texto cria e revela várias faces para uma mesma Carolina: escritora, favelada, mãe, lavadeira, catadora de papel; mulher que demanda sexo e sexo com vários parceiros, mulher forte, sonhadora, debochada, todas essas Carolinas motivadas pela fantasia da própria autora – de si vê (e se inventar) a si mesma – e pela dimensão que o próprio narcisismo a leva a se perceber, a se efetivar e a se inscrever nas páginas do diário. Tudo isso, mais uma vez, processo subjetivo, implicado no desejo, na personalidade da autora e daquilo que a instaura como personagem protagonista de suas representações literárias: de si e do que ela acredita representar a si e por si mesma.

Outros personagens e cenas interagem com o mundo representado e as representações de Carolina Maria de Jesus: o próprio universo da favela; os seus habitantes, as pessoas com suas angústias e sonhos, com os seus mundos particulares, porém todos cercados pela fome e a miséria; os filhos da autora, cada qual com seus mundos íntimos e desejos particulares; as pessoas que são externas à favela, aquelas que, paradoxalmente, atestam a existência dos marginais, dos à margem da sociedade, nos guetos voluntários do Canindé.

Nesse conjunto de relações identitárias para além da própria identidade de Carolina Maria de Jesus, tudo que se cria nas páginas do diário parece atestar o próprio modo de se vê da autora, seja este advindo de sua performance literária ou de sua estruturação narcísica. Se o conceito de subjetividade está implicado na relação do sujeito com a alteridade, o eu criado em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* carrega em si a marca do outro sobre a própria maneira de Carolina se inscrever no texto, ou seja, se a diarista se inscreve dentro de uma perspectiva sócio-histórica, em contrapartida, ela também se constrói numa relação dialética com o outro; outro que, no diário, é a contraparte da escritura, é o eu implícito que, inegavelmente, constitui a imagem da diarista e a imagem que a diarista tem de si (e do outro). Vale dizer que ler e escrever constituem os dois lados de uma mesma moeda.

Logo, fica evidente que Carolina Maria de Jesus escreve não somente para ser lida, atestando a sua rotina na favela, como também para ser construída enquanto corpo que relata a si mesmo: se a autora se vê como favelada, essa visão do eu já carrega em si a história de um corpo, e o oposto do que é relatado, por ela, traça, por meio de um processo especular de se perceber a si

mesma e o outro, o retrato daqueles que não são favelados, embora o relato construído no corpo do diário garanta somente a transparência parcial do eu, tanto do eu autoral quanto dos eus construídos ao longo do texto. Se o gesto de relatar a si mesmo cria um sujeito reflexivo diante do próprio eu, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, é a matéria relatada que leva o outro a interpelar e interpretar o eu criado por Carolina Maria de Jesus. Nesse sentido, a autoria do diário torna-se um ato performativo, que, paradoxalmente, revela a pulsão narcísica da autora de relatar a si mesma, de se representar através da escrita.

Se aquele que relata a si mesmo nunca se contenta apenas com os registros de suas ideias no papel, aliás, busca sempre retratar o seu eu por inteiro, procurando pincelar o que é e o que foi para tentar capacitar o leitor a entendê-lo e visualizá-lo através das imagens de si sugeridas; se o eu que escreve sobre si recorda, diante da horizontalidade das linhas traçadas no papel, os atos e dias sem ter, contudo, a inteireza do tempo que já passou, para Carolina Maria de Jesus, que ao longo de sua escrita, confessa o próprio desejo de suicidar-se, o diário, como obra publicada, a mantém viva para além do tempo e da história, a mantém viva na interlocução dos discursos literário e psicanalítico, a mantém viva, permitindo-a ser criada, recriada e lida pelo olhar do outro. E pelo olhar de quem se olha a si mesmo.

## 5. REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Antônio Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BELO, Fábio Roberto (Org.); MARZAGÃO, Lúcio Roberto; PEREIRA, Antônio Marcos. **Sobre o amor e outros ensaios de psicanálise e pragmatismo**. Belo Horizonte: Ophicina de arte e prosa, 2011.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. In: **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- FERNANDES, Elisângela Barbosa. **Narcisismo e cultura: a relação entre psicologia social na obra freudiana**. São Carlos: UFSCar, 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado).
- FONSECA, Rubem. **Diário de um fescenino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Escrita do Eu e inscrição narcísica em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus  
LEÃO, Jacqueline Oliveira

FREUD, Sigmund. (1900-1901). A Interpretação dos Sonhos. **Edição Standard Brasileira**, vol. V, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **Edição Standard Brasileira**, vol. VII, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1907[1906]). Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen. **Edição Standard Brasileira**, vol. IX, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1908[1907]). Escritores criativos e devaneios. **Edição Standard Brasileira**, vol. IX, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. **Edição Standard Brasileira**, vol. XI, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. **Edição Standard Brasileira**, vol. XII, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. **Edição Standard Brasileira**, vol. XIV, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1917). Conferência XXVI: A teoria da libido e o narcisismo. **Edição Standard Brasileira**, vol. XVI, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, Luís Alfredo. (2004b). **Introdução à Metapsicologia Freudiana III**: Artigos de Metapsicologia; 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente – 6. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

GUIMARÃES, L. M. **Três estudos sobre o conceito de narcisismo na obra de Freud**: origem, metapsicologia e formas sociais. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2012, 128f. Dissertação (Mestrado).

ISER, Wolfgang. O Imaginário. In: **O Fictício e o Imaginário**: perspectivas de uma antropologia literária. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

LEÃO, Jacqueline Oliveira. Migrações do eu: recurso à autoficção em Sérgio Kokis. In: **Aletria**: revista de estudos de literatura. Migrações do eu. Belo Horizonte, PÓSLIT/CEL. Faculdade de Letras da UFMG, n. 3, p. 177-189, set./dez. 2012.

LEÃO, Jacqueline Oliveira; BELO, Fábio Belo. Relatar a si mesmo: da escrita do eu como performance literária e inscrição narcísica em *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus. In: BELO, Fábio. **Direito e Literatura contra o racismo**: leituras a partir de Quarto de despejo. Belo Horizonte: Ed. Relicário, 2018.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

DOI: [10.25244/uf.v13i1.2407](https://doi.org/10.25244/uf.v13i1.2407)

Escrita do Eu e inscrição narcísica em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*,  
de Carolina Maria de Jesus  
LEÃO, Jacqueline Oliveira

LIMA, Luiz Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

NASIO, J.D. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1999.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães.  
Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1998.